

# O expressionismo em *Angústia*, de Graciliano Ramos

**José Rafael Valadão**

Universidade Federal de Sergipe/UFS

## RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a estética do romance *Angústia* (1936) de Graciliano Ramos, mostrando como as imagens da narrativa são apresentadas sob a ótica do Realismo e do Expressionismo. O intuito é verificar de que maneira a obra apresenta elementos estéticos do romance realista, principalmente, quanto aos aspectos ligados à verossimilhança da narrativa. Por outro lado, analisaremos como o romance apresenta também elementos estéticos do modernismo europeu de fins do século XIX e início do XX, em especial do Expressionismo. Assim, buscaremos compreender como os ideais da arte expressionista encaixaram-se perfeitamente na proposta estético-ideológica de Graciliano Ramos no romance *Angústia*. Proposta esta ligada ao drama do sujeito que vive nas periferias das grandes cidades, e que não consegue se desvencilhar dos problemas de ordem pessoal e social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estética. Expressionismo. Angústia.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the aesthetics of Graciliano Ramos' novel *Angústia* (1936) by showing how the images of the narrative are presented from the perspective of Realism and Expressionism. The aim is to examine how the work presents aesthetic elements of the realist novel, that is, how such elements relate to the verisimilitude of the narrative. In addition, this article analyzes how this novel presents aesthetic elements of late-nineteenth and twentieth century European Modernism, especially Expressionism. The objective here is to discuss how the ideals of Expressionist art fits perfectly into the aesthetic and ideological agenda of Graciliano Ramos in *Angústia*. This agenda is linked to the plight of the subject, who lives on the outskirts of big cities and who is unable to resolve his personal and social problems.

**KEYWORDS:** Aesthetics. Expressionism. Anguish.

## Introdução

*Vamos falar mal de todos os romancistas que aludem à fome e à miséria das bagaceiras, das prisões, dos bairros operários, das casas de cômodos. Acabemos tudo isso. E a literatura se purificará, tornar-se-á inofensiva e cor-de-rosa, não provocará o mau humor de ninguém, não perturbará a digestão dos que podem comer. Amém.*

**Graciliano Ramos**

Nascido na pequena cidade de Quebrangulo, Alagoas, Graciliano Ramos (1892 – 1953) foi um escritor cujas obras de ficção retratam a realidade numa perspectiva característica do romance realista, trabalhando com um conceito caro à teoria da literatura: a questão da verossimilhança, ou da *mimeses*. Na crônica *O fator econômico no romance brasileiro*, por exemplo, Graciliano Ramos disse:

Faltava-nos naquele tempo, e ainda hoje nos falta, a observação cuidadosa dos fatos que devem contribuir para a formação da obra de arte. Numa coisa complexa como o romance o desconhecimento desses fatos acaba prejudicando os caracteres e tornando a narrativa inverossímil (2005, p. 362).

Sendo um autor pertencente ao grupo de escritores do Regionalismo, Graciliano Ramos se notabilizou pela escrita de narrativas que representavam a realidade social do Nordeste, no início do século XX. Naquele tempo, a configuração da sociedade nordestina passava por um processo de modernização que destruía as bases econômicas que a sustentaram por um longo tempo. A economia sempre foi estimulada basicamente pela produção açucareira dos engenhos. Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*, diz:

A cana-de-açúcar começou a ser cultivada igualmente em São Vicente e em Pernambuco, estendendo-se depois à Bahia e ao Maranhão a sua cultura, que onde logrou êxito – medíocre como em São Vicente ou máximo como em Pernambuco, no Recôncavo ou no Maranhão – trouxe em consequência uma sociedade e um gênero de vida de tendências mais ou menos aristocráticas e escravocratas (1977, p. 31).

Nos romances de 1930, os protagonistas eram geralmente os últimos herdeiros desta estrutura familiar e econômica que perdurou por muito tempo. Na maioria das vezes, são personagens que sofrem as consequências desta transformação socioeconômica pela qual passava o nordeste brasileiro, sendo sujeitos jogados numa sociedade que se modernizava rapidamente, e que não conseguiam se adaptar aos novos modos de vida de uma sociedade modernizante. Muito se fala da importância dos escritores dos anos de 1930 no Brasil, porque eles de certa forma acabaram denunciando os problemas pelos quais muitas pessoas passavam naqueles tempos de incertezas, afirma: “Assim, ao realismo *científico* e *impessoal* do século XIX preferiram os nossos romancistas de 30 uma *visão crítica das relações sociais*” (1978, p. 428, grifo do autor).

No livro *Uma história do romance de 30*, Luís Bueno mostra que os protagonistas dos romances da década de 1930 são geralmente sujeitos com pouco êxito na vida pessoal. Para ele, o romance de 30 dedicou toda sua energia na composição da figura-síntese do fracassado. Seria o caso, por exemplo, do herói do romance *Banguê* (1934), de José Lins do Rego, o Carlos de Melo. Este não soube administrar os engenhos da casa-grande do avô, logo foi engolido pela modernização das usinas de cana-de-açúcar. Outro exemplo é o de Naziazeno, protagonista de *Os ratos* (1935), de Dyonélio Machado, que passa o tempo inteiro da narrativa procurando um jeito de conseguir dinheiro para pagar o leiteiro, a fim de que o filho possa se alimentar.

Nos romances de Graciliano Ramos, o foco da narrativa sempre está voltado para os indivíduos subalternos. Ou seja, os desfavorecidos dentro da esfera capitalista. Seus protagonistas sempre vivem à margem da sociedade e em ambientes marcados pela miséria, seja no plano material quanto no psicológico. Seus personagens principais, segundo o próprio Graciliano, eram alguns tipos sem importância. Já Alfredo Bosi diz:

Graciliano representa, em termos de romance moderno brasileiro, o ponto mais alto da tensão entre o eu do escritor e a sociedade que o formou. É instrutivo, nesta altura, o contraste com José Lins do Rego. Este se entregava, complacente, ao desfilar das aparências e das recordações; Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor (1978, p. 451, 453).

Tendo em vista o que foi dito até agora, vejamos de que maneira o romance *Angústia* se caracteriza por uma hibridização estético-literária. Ou seja, se de um lado, a obra é representação 'fiel' de um mundo pobre e decadente, por outro, é também representação deformada, quase caricatural, aos moldes da pintura expressionista, deste mesmo mundo que cerca o narrador-personagem. Tal vinculação entre a obra e o Expressionismo parece se dar por causa da situação sócio-psicológica problemática na qual o personagem se encontra. Com isso, buscaremos perceber como a estética do romance se caracteriza entre desfiguração da realidade e a representação social da pobreza. Para tanto, discutiremos *Angústia* a partir de seus elementos sociológicos, com vistas a um juízo estético sobre o texto, alinhando-nos à abordagem de Antonio Candido que diz: "Os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível de fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra" (2006, p. 24).

### O romance *Angústia*

*Angústia* é considerado o romance mais experimental de Graciliano Ramos. Conta a história de Luís da Silva, narrador-protagonista que vive em Maceió. Segundo o próprio Graciliano, Luís da Silva é "um pequeno funcionário, último galho de uma família rural estragada" (2005, p. 280). O fato de ser considerado o último galho de uma família estragada, é evidenciado, conforme alguns estudos, pela redução de seu nome. O avô se chamava Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva; o pai era Camilo Pereira da Silva; enquanto ele estava reduzido a Luís da Silva. Nas falas do próprio narrador: "Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer" (RAMOS, 2002, p. 22).

Em *Angústia*, o nível de fracasso parece ser muito mais elevado do que nos outros romances da mesma geração. Muito pela carga emocional extremamente negativa que o personagem Luís da Silva apresenta. O sentimento de frustração que ele alimenta faz com que tenha ódio de si mesmo e de todas as coisas que o rodeiam. E será, justamente nessas situações de desespero, ódio e negação dos desejos, que os traços estéticos do Expressionismo se apresentarão no romance. Na cena que Luís da Silva está decidindo ou não se mata o personagem Julião Tavares, nós lemos:

O desejo de fumar levava-me ao desespero. O acesso de piedade sumiu-se, o ódio voltou. Se me achasse diante de Julião Tavares, à luz do dia, talvez o ódio não fosse tão grande. Sentir-me-ia miúdo e perturbado, os músculos se relaxariam, a coluna vertebral se inclinaria para a frente, [...]. Afastar-me-ia precipitadamente, como um bicho inferior. Agora tudo mudava. Julião Tavares era uma sombra, sem olhos, sem boca, sem roupa, sombra que se dissipava na poeira da água (RAMOS, 2002, p. 188).

Mesmo considerado um importante romance da literatura brasileira, *Angústia* não foi bem aceito na época de sua publicação. Em *A ponta do novelo*, Lúcia Helena Carvalho, referindo-se ao romance, afirma que "deve-se considerar, no entanto, que ao tempo de sua publicação, 1936, assim como nas três

décadas que se lhes seguem, nem o autor nem a crítica se encontravam preparados para absorver tamanha carga de estranhamento” (1993, p. 21). Graciliano Ramos, em carta direcionada a Antonio Cândido, comentou que *Angústia* era um livro mal escrito, sendo isto que o desgraçou. Muita repetição desnecessária, um divagar maluco em torno de coisinhas bestas. Apesar da carga de estranhamento que se fez notar na época de seu lançamento, aos poucos, *Angústia* foi sendo considerado por muitos, um dos melhores livros de Graciliano Ramos. Antonio Cândido fala:

Dos livros de Graciliano Ramos, *Angústia* é provavelmente o mais lido e mais citado, pois a maioria da crítica e dos leitores o considera sua obra-prima. Obra-prima não será, mas é sem dúvida o mais ambicioso e espetacular de quantos escreveu. Romance excessivo, contrasta com a discrição, o despojamento dos outros, e talvez por isso mesmo seja mais apreciado, apesar das partes gordurosas e corruptíveis (ausentes de *São Bernardo* ou *Vidas Secas*) que o tornam mais facilmente transitório (2006, p. 47).

Em várias partes da narrativa, existem esses tipos de descrições, em que as coisas se misturam e formam figuras grotescas. Neste caso, assemelham-se bastante com o estilo dos artistas, principalmente, os pintores, do Expressionismo. Não podemos descartar ainda a proximidade que tais descrições e imagens que aparecem no romance *Angústia* têm com as figuras oníricas de pintores e poetas surrealistas. Essa aproximação com o Surrealismo parece evidente no último capítulo da obra, no qual o personagem, num processo de memorização, mistura fatos do passado com o presente, visualizando personagens soltos que surgem em sua frente. Analisemos a longa passagem a seguir, presente no referido capítulo:

Quem ia entrar? Quem tinha negócios comigo àquela hora? Necessário Vitória fechar as portas e despedir o hóspede incômodo que não se arredava da sala. Mas Vitória contava moedas, na parede, resmungava a entrada e a saída de navios. A placa azul de d. Albertina escondia-se a um canto, suja de piche. Todo aquele pessoal entendia-se perfeitamente. O homem cabeludo que só cuidava da sua vida, a mulher que trazia uma garrafa pendurada ao dedo por um cordão, Rosenda, cabo José da Luz, Amaro vaqueiro, as figuras do reisado, um vagabundo que dormia nos bancos dos jardins, outro vagabundo que dormia debaixo das árvores, tudo estava na parede, fazendo um zumbido de carapanãs, um burburinho que ia crescendo e se transformava em grande clamor. José Baía acenava-me de longe, sorrindo, mostrando as gengivas banguelas e agitando os cabelos brancos. – “José Baía, meu irmão irmão, estás também aí?” José Baía trôpego, rompia a marcha. Um, dois, um... A multidão que fervilhava na parede acompanhava José Baía e vinha deitar na minha cama (RAMOS, 2002, p. 227).

Noutro momento, Luís da Silva diz: “Lembro-me de um fato, de outro fato anterior ou posterior ao primeiro, mas os dois vêm juntos. E os tipos que evoco não têm relevo. Tudo empastado, confuso” (RAMOS, 2002, p. 16). Noutra cena, quando Luís da Silva encontra Julião Tavares no Café, nós lemos: “Por detrás das linhas brancas do espelho, a cara redonda se afogueava, as bochechas moles inchavam, o olho azulado queria escapular-se da órbita e meter-se no seio das mulheres” (RAMOS, 2002, p. 155). Em grande parte da obra, há esses tipos de descrições que se aproximam muito de pinturas de caráter expressionista e, de certo modo, surrealista também.

O motivo da angústia de Luís da Silva talvez seja pelo fato de ser um sujeito impotente para realizar seus desejos. Do ponto de vista psicanalítico de Freud, o personagem do romance seria um sujeito recalcado, por não conseguir se relacionar direito com as mulheres. Num texto em que trata sobre a angústia, Freud afirma: “Não é difícil constatar que a angústia expectante ou ansiedade [Ängstlichkeit] geral tem estreita vinculação com determinados processos da vida sexual, com certos empregos da libido, digamos” (2014, p. 531). No caso de Luís da Silva, sua frustração sexual parece estar focada principalmente na personagem Marina. Ele chega a noivar com ela, na esperança de se casar e, enfim, efetivar a relação amorosa em sua completude. No entanto, os problemas vão surgindo. Luís da Silva, sendo um pequeno funcionário público e intelectual que de vez em quando escrevia para jornais, não tinha condições financeiras para

manter o relacionamento, pois Marina era do tipo que gostava de gastar com caprichos. Num trecho da obra, Luís da Silva diz: “Se eu pegasse a sorte grande, Marina teria colchas bordadas a mão. Pobre da Marina! Precisava fazenda macia, pulseiras de ouro, penduricalhos” (RAMOS, 2002, p. 71).

A situação piora de vez quando Marina começa a se relacionar com Julião Tavares. Este, para Luís da Silva, representava a pior espécie de ser humano. Era o seu antípoda, um pequeno burguês filho de comerciante, herdeiro da empresa do pai. Com isso, perder a noiva para Julião Tavares, dentre outras coisas relativas à sua posição social, fez com que Luís da Silva mergulhasse num sentimento de negatividade profundo. Numa cena do romance, observando Julião Tavares, Luís da Silva narra:

Conversa vai, conversa vem, fiquei sabendo por alto a vida, o nome e as intenções do homem. Família rica. Tavares & Cia., negociantes de secos e molhados, donos de prédios, membros influentes da Associação Comercial, eram uns ratos. Quando eu passava pela Rua do Comércio, via-os por detrás do balcão, dois sujeitos papudos, carrancudos, vestidos de linho pardo e absolutamente iguais. Esse Julião, literato e bacharel, filho de um deles, tinha os dentes miúdos, afiados, e devia ser um rato, como o pai. Reacionário e católico (RAMOS, 2002, p. 44).

Diante do exposto, analisaremos agora como o romance *Angústia* conseguiu se afiliar de forma bastante proveitosa com a estética do Expressionismo. Pois, como vimos, essa obra se constrói a partir da representação de uma sociedade decadente. Tudo a partir da ótica de um personagem também marcado por uma decadência psicológica. O Expressionismo, segundo Gilberto Mendonça Teles (2012), seria o primado da personalidade humana, com as forças obscuras da alma destruindo a superfície da lógica. Portanto, o que vemos em *Angústia* é a destruição, a partir do personagem Luís da Silva, e personificado na figura do Julião Tavares, da lógica capitalista da burguesia.

## Entre o Realismo e o Expressionismo

Apesar de *Angústia* ser um romance, de modo geral, realista e linguisticamente formal, encontramos vários aspectos que o caracterizam como uma obra de arte modernista. Percebe-se isso na forma de descrever alguns personagens e ambientes da narrativa. Embora seja um romance que represente uma sociedade historicamente determinada, com espaços que existiam na vida real, ainda sim, as descrições aos moldes do Expressionismo indicam uma certa deformação da realidade. Aguinaldo José Gonçalves, no ensaio *A Estética Expressionista na Pintura e na Literatura*, propõe:

O termo Expressionismo, na verdade, aponta para um núcleo de manifestação estética e ideológica especificamente alemã dos primeiros 15 anos de século XX, com cores, manchas, delineios rítmicos muito próprios, que parecem, num primeiro olhar, caricaturar os próprios negaceios da representação (2005, p. 682).

Em *Angústia*, as descrições, por vezes, são bastante caricaturais. Luís da Silva descreve a sua serviçal Vitória desta maneira: “A voz é áspera e desdentada. E, acompanhando a cadência, tremem as pelancas do pescoço engelhado como um pescoço de peru, tremem os pelos do buço e as duas verrugas escuras. É terrivelmente feia” (RAMOS, 2002, p. 31). Em outro trecho, bem ao molde expressionista, aparece a seguinte descrição que Luís da Silva faz da personagem Marina:

Estava num entorpecimento estúpido. Tive a impressão extravagante de que o ar havia tomado de repente a consistência mole e pegajosa de goma-arábica. Nesse ambiente gelatinoso Marina se movia, nadava, desesperadamente bonita, o peitinho redondo subindo e descendo, a querer saltar pelo decote baixo, pimenta nos olhos azuis, os cabelos de fogo desmanchando-se ao vento morno e empestado que soprava dos quintais (RAMOS, 2002, p. 60).

Sobre a proximidade de *Angústia* com o Expressionismo, Antonio Candido (2006, p. 113) diz que a narrativa “se constrói aos poucos, em fragmentos, num ritmo de vaivém entre a realidade presente, descrita com saliência naturalista, a constante evocação do passado, a fuga para o devaneio e a deformação expressionista.” Que *Angústia* apresenta elementos estéticos muito identificados com o Expressionismo, parece não haver dúvida, no entanto não é somente nas imagens que aparecem no texto, mas também na própria ideologia desse movimento de vanguarda. Havia uma perspectiva crítica por detrás do estilo de descrever o ambiente. Ou seja, a representação artística dos expressionistas tinha como objetivo principal criticar os valores da sociedade burguesa. No caso, a industrialização, o positivismo, o apequenamento do ser humano perante o desenvolvimento das grandes cidades. Esta estética de vanguarda, segundo Marion Fleischer:

Deseja renovar, refletir situações e conteúdos novos, criar uma linguagem adequada ao seu tempo, debruçando-se sobre os problemas sociais, morais e espirituais de sua época. [...] O Expressionismo constitui, antes de mais nada, uma nova maneira de ver e sentir o mundo (2005, p. 67).

Marion Fleischer fala do surgimento do Expressionismo na Alemanha. Mas as características fundamentais deste movimento, de certa maneira, refletiram no romance *Angústia* de Graciliano Ramos. É a partir da situação degradante em que se encontra o narrador-personagem, que a atmosfera do livro se torna altamente carregada por imagens desvinculadas do conhecimento racional do mundo. É o próprio sentimento da angústia que faz com que o personagem veja a realidade de maneira exageradamente deformada. Além disso, quando a narrativa transcorre normalmente, ou seja, representando a realidade de forma “racional”, o que vemos é um mundo marcado pela pobreza e mediocridade das relações sociais.

É importante notar que a grande maioria dos personagens que compõe o romance são da classe operária e os marginalizados. Dentre eles, o próprio Luís da Silva. Enquanto Julião Tavares representava o sujeito burguês. O causador dos males de Luís da Silva. No seguinte trecho do romance, o narrador sintetiza bem a atmosfera do romance:

A voz oleosa de Julião Tavares continuava a perseguir-me. Era como se eu estivesse diante de um aparelho de rádio, ouvindo língua estranha. Distanciava-me. As palavras gordas iam comigo. Umas chegavam completas, outras alteravam-se – ruídos confusos e vogais indistintas. Necessário dar cabo daquela voz. Se o homem se calasse, as minhas apoquentações diminuiriam. A criatura faminta da Rua da Lama, seu Ivo, Moisés, a menina dos olhos agateados, tudo isto me passava pelo espírito sem se fixar. Um tropel, depois nada. O que ficava era aquela gordura que se derramava pelas paredes (RAMOS, 2002, p. 95).

Essa maneira de representar a realidade, seja pela deformação, ou pelo retrato da pobreza, é característica fundamental da estética expressionista. Conforme Fleischer:

Já foi enfatizado, anteriormente, que os expressionistas, em sua grande maioria, assumiram uma atitude negativa perante a realidade de sua época. Aos poetas do período imediatamente anterior à Primeira Grande Guerra, o mundo em que viviam afigurava-se-lhes social e culturalmente corroído, assinalado pela presença de uma burguesia insípida e desvitalizada e por uma civilização urbana desumana (2005, p. 70).

Tais características do Expressionismo estão presentes no romance *Angústia*. O que há nessa obra, a partir da perspectiva do personagem Luís da Silva, é exatamente uma atitude negativa perante a realidade. Na seguinte passagem da obra é possível perceber isso. Luís da Silva nos conta:

Não consigo escrever. Dinheiro e propriedades, que me dão sempre desejos violentos de mortandade e outras destruições, as duas colunas mal impressas, caixilho, dr. Gouveia, Moisés, homem da luz, negociantes, políticos, diretor e secretário, tudo se move na minha cabeça, como um bando de

vermes, em cima de coisa amarela, gorda e mole que é, reparando-se bem, a cara balofa de Julião Tavares muito aumentada. Essas sombras se arrastam com lentidão viscosa, misturando-se, formando um novelo confuso (RAMOS, 2002, p. 9).

Devido a essas peculiaridades, *Angústia* se diferencia em alto grau tanto dos outros romances de Graciliano quanto dos demais escritores do Regionalismo. O romancista soube adaptar a realidade de Maciço do início do século XX com os ideais de uma estética altamente europeia como foi o Expressionismo. E o mais importante: sem se desvincular de seu estilo seco e clássico que tão bem o singulariza.

## Considerações Finais

Como dito anteriormente, o objetivo deste artigo, portanto, foi o de analisar a estética do romance *Angústia*. Percebe-se que há uma hibridização entre duas formas de expressão artística. O romance transita entre o rigor linguístico clássico, representando uma sociedade historicamente determinada, mas ao mesmo tempo em que deforma essa mesma realidade, aos moldes do movimento expressionista. Esta interpretação ainda é um projeto de pesquisa no qual se pretende analisar mais atentamente a relação entre o romance *Angústia* e os movimentos de vanguarda que tanto influenciaram os artistas no início do século XX. Confirmando essa proposta, é de se perguntar em qual lugar se encaixaria esse romance dentre da historiografia literária do Brasil, já que frequentemente classificamos Graciliano Ramos como um autor regionalista. Não negamos isso, mas *Angústia* nos faz repensar em outras possibilidades de interpretação desse autor tão importante da literatura brasileira, e por que não, da literatura universal.

## Referências

- AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.
- BOSI, A. *História Concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, A. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia, de Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1983.
- FLEISCHER, M. O Expressionismo e dissolução de valores tradicionais. In: GUINSBURG, J. *O Expressionismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- FREIRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1977.
- FREUD, S. *Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917)*. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- JIMENEZ, M. *O que Estética?* Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- GONÇALVES, A J. A Estética Expressionista na Pintura e na Literatura. In: GUINSBURG, J. *O Expressionismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

RAMOS, G. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. O fator econômico no romance brasileiro. In: *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TELES, G M. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

*Recebido em 15/09/2016*  
*Aprovado em 17/11/2016*